

Tecnologia e Ecologia em *Orlando*

Technology and Ecology in *Orlando*

Maria Aparecida de Oliveira

Resumo: Se Walter Benjamin em *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction* discute o fato de que a reprodução mecânica desvaloriza a aura da obra de arte, o que devemos pensar da reprodução mecânica na era da revolução digital e de grandes crises ambientais? Pamela Caughie, refletindo sobre o trabalho de Benjamin, editou o livro *Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction*, uma coletânea de ensaios que refletem sobre a aproximação entre Woolf e Walter Benjamin na interface modernidade e tecnologia. O objetivo dessa apresentação é analisar o romance *Orlando*, observando como a autora lida com a ecologia e tecnologia em seu texto geo/biográfico, tomando a expressão de Elizabeth Waller em sua interpretação do romance. Woolf na grande maioria de seus romances lida com diferentes estações e diferentes climas, bem como demonstra Peter Adkins em seu texto sobre Woolf e o Antropoceno. O embasamento teórico-crítico do trabalho conta com os pressupostos de Peter Adkins, Bonnie Scott e Derek Ryan. Donna Haraway, *When Species Meet*, também é um texto fundamental para entender as relações entre ecologia e tecnologia no romance woolfiano. A coletânea *Virginia Woolf and the Natural World* debruça-se sobre o tema principal desse artigo, que é analisar a representação da natureza no romance *Orlando* buscando as interrelações entre tecnologia e ecologia. Orlando não é o único que está mudando de sexo, mas, sobretudo, a terra, o clima, os animais estão todos sofrendo uma grande transformação ao longo de trezentos anos dessa jornada, assim como podemos perceber as modificações em termos ecológicos e tecnológicos no romance. Assim, a questão é entender como Woolf localiza seu personagem principal em profundo contato com o ambiente, o humano e não-humano e todas as alterações ao seu redor.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Ecologia. Tecnologia. *Orlando*. Mudança Climática.

Abstract: If Walter Benjamin in *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction* addresses to the fact that the mechanical reproduction devalues the aura of a work of art, what are we to think of the value of art in the age of digital revolution and the impact of a huge environmental crisis. Pamela Caughie, reflecting upon Benjamin's work, edited the book *Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction*, a collection of essays discussing on the relations between Woolf and Walter Benjamin on the interface modernity and technology. The aim of this article is analyzing the novel *Orlando*, observing how the author deals with ecology and technology in her text geo/biographic, taking Elizabeth Waller's expression in her interpretation of the novel. Woolf portrays in the great majority of her novels different kinds of seasons, as Peter Adkins shows in his text on Woolf and the Anthropocene. The theoretical and critic framework of this paper counts with the assumptions of Peter Adkins, Bonnie Scott and Derek Ryan. Donna Haraway, *When Species Meet*, is also a fundamental text to understand the intersections between ecology and technology in Woolf's novel. Besides that, *Virginia Woolf and the Natural World*, a collection of essays which discusses the main theme of this article, which is exploring the representation of nature in the novel *Orlando*, by Virginia Woolf. The main character Orlando is not the only one changing sex, but above all, the Earth, the climate and the animals are all suffering a great transformation along the three hundred Years of this Journey, as we can notice the great changes in ecological and technological terms in the novel. Thus, the main question is trying to grasp how Woolf locates her main character in deep contact with the environment, the human and non-human and all the changes around him/her.

Keywords: Virginia Woolf. Ecology. Technology. *Orlando*. Climate Change.

Tecnologia em Orlando

O trabalho de Walter Benjamin tem sido basilar para pensarmos sobre a natureza da obra de arte na modernidade. Ao longo dos últimos séculos, experienciamos profundas transformações, com a Revolução Industrial e agora uma revolução digital acontece diante de nossos olhos, o que afeta diretamente a forma como apreendemos o mundo e como o transformamos em arte. Para Benjamin, com o advento da fotografia e do cinema, a obra pode ser reproduzida em grandes quantidades, perdendo seu caráter de singularidade, atingindo um maior número de pessoas e tornando-se um produto a ser consumido pelas massas. Ao passo que a interação entre o meio e a sociedade aumenta, a singularidade da obra diminui, já que agora a obra, na era do capital e das grandes massas, se torna um produto de fetiche, se aproximando mais da ideologia do consumo na era da mercantilização.

Pamela Caughie, refletindo sobre a obra de Walter Benjamin, organizou o livro fundamental *Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction*, uma coletânea de ensaios os quais discutem sobre Woolf e a tecnologia, no qual ela afirma que:

Woolf wrote about new technologies—such as cinema, photography, and the gramophone—in her essays and novels; she experimented with new narrative techniques inspired by new media; and she explored in her critical essays the social and aesthetic implications of emerging mass culture and the increasing literacy and democracy of her age fostered by mass communication. *Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction* provides new insights into what, for Woolf, were the effects of new technologies on audiences and artists alike.” What difference the technical reproducibility on art and how does it affect the works of Woolf? What impact technology has in her works? (Caughie, 2000, p. xx)

Fotografia, como Benjamin pensa, reproduz a obra de arte de forma mais rápida e mais constante, transformando, assim a exata natureza da arte. Tanto Woolf, quanto Benjamin escreveram sobre o cinema e a fotografia. Para ele, o cinema mudou o comportamento do espectador diante da obra de arte, ele não tem mais uma postura passiva, mas participa ativamente da construção do sentido da mesma. Para Woolf, o cinema é uma forma de arte que dialoga com a literatura, com a pintura, a fotografia, a música. Woolf analisa dois filmes exemplares do cinema mudo *Anna Karenina*, de Tolstoi em uma versão para o cinema de 1915 e *O Gabinete do Dr. Caligari*, cuja exibição ocorreu

em Londres em 1924. É evidente nesse texto “O Cinema”, como Woolf estava fascinada com essa nova linguagem e nova tecnologia.

Como a interface ecologia/tecnologia permeia e impacta *Orlando*? Essa é uma das minhas primeiras perguntas de pesquisa na construção desse artigo. Em *Orlando*, ouvimos diferentes tipos de sons que representam tecnologia, Melba Cuddy-Keanne tem nos ensinado a ouvir os sons nas narrativas woolfinas. Ao final do romance, Orlando ouve vozes da América, por meio do rádio. Há diferentes tipos de modos de transporte no romance, desde navios, carruagens, de carros motores aos aviões no último capítulo. Vários críticos já escreveram sobre a presença de carros/veículos na obra de Woolf, como por exemplo, Ann Martin, Minow Pinkney e o ensaio de Robert Hemmings “A Motorcar of One’s Own.”

Ann Martin, no texto “Unit-Dispersity: Virginia Woolf and the Contradictory Motif of the Motor-car”, observa os sentidos contraditórios associados ao carro naquele momento. Na modernidade, o carro é símbolo de velocidade, rapidez, praticidade. Por outro lado, também significa status, poder e hierarquia, como em *Mrs. Dalloway* quando o carro do Primeiro Ministro faz sua aparição. Em *Orlando*, a mulher conduzindo um carro é símbolo de modernidade, independência feminina e liberdade. Já em *Between the acts*, o carro denota um sentido mais de comunidade e menos de hierarquia. Woolf, ela mesma, havia adquirido um carro após as vendas de *To the Lighthouse*, isso significava maior liberdade, praticidade e rapidez nas tarefas da Hogarth Press.

Além disso, pode-se perceber os navios em *The Voyage Out*, carros e telefones em *Night and Day*, ônibus, o carro do Primeiro Ministro e o avião em *Mrs. Dalloway*, o rádio e o gramofone em *Between the Acts*. Muito tem sido escrito sobre o rádio e o gramofone em *Between the Acts*, como esse tipo de tecnologia propagava a voz do Nazifascismo em ascensão na Europa naquele momento. É claro que não podemos deixar de comentar sobre a tecnologia de Guerra e como elas estão explícitas em grande parte dos romances de Woolf, mas principalmente em *Between the Acts*, quando os aviões estão cruzando o céu sob as cabeças das multidões. Enquanto Melba Cuddy-Keane chama nossa atenção para ouvirmos os sons na escrita woolfiana, Sunny Stalter no texto “New Ways of Seeing: The Cinematic Novel in the Age of Mechanical Reproduction,” enfatiza o modo como apreendemos por meio do olhar, não apenas como uma metáfora, mas sobretudo, como um ato de união entre as personagens.

A velocidade da tecnologia afeta o modo como percebemos a realidade, como por exemplo o cinema, a rádio e o telefone na época de Woolf e a tecnologia 5G nos dias atuais. A tecnologia certamente mudou a forma como se experienciava a modernidade, o que implica também em novas possibilidades de percepção e, também, em novos modos de representação. Assim como Benjamin discute no seu texto sobre o narrador “Storyteller: Reflections on the Works of Nikolai Leskov”, quando ele afirma que:

A generation that had gone to school on a horse-drawn streetcar now stood under the open sky in a countryside in which nothing remained unchanged but the clouds, and beneath these clouds, in a field of force of destructive torrents and explosions, was the tiny, fragile human body. (Benjamin, 1968, p. 84)

O autor fala sobre dois tipos diferentes de narradores, o camponês e o marinheiro. Podemos pensar na personagem de Orlando como o primeiro, apegado à terra, que volta às origens para enterrar seu romance. Mas, também, podemos pensar no segundo tipo, o viajante, aquele que viaja, explora, vai para a Turquia e volta com muitas histórias para contar, em seu infinito poema “The Oak Tree”, O Carvalho, baseado no poema *The Land*, de Vita Sackville West. A escrita de Orlando muda de acordo com o século, na era elisabetana, no capítulo 1, ele escreve uma peça, uma tragédia em V atos, “Ethelbert: A tragedy in V acts”. No capítulo 2, ele já havia escrito 47 peças, mas decide manter apenas um “The Oak Tree”, que seria um palimpsesto, o qual não deixa de ser uma forma sofisticada de tecnologia sobre a escrita. De acordo com o Dicionário de Oxford, um palimpsesto é um manuscrito sobre o qual o original foi obliterado para dar espaço a outro escrito, mas que guarda traços do primeiro.

O poema *The Oak Tree* ou *O Carvalho* seria um grande palimpsesto poema de Vita Sackville West e Peter Adkins entende que Woolf constantemente retorna e recusa o poema de Vita, mas também, o transforma em uma sátira, de um modo bastante irônico. No final, quando Orlando procura enterrar seu poema, Peter Adkins argumenta que:

The novel’s conclusion sees Orlando return to the oak tree, still ‘in the prime of life’, and in a romantic gesture, attempt to bury her poem at its roots in an act of ‘return[ing] to the land [. . .] what the land has given to me’, a deed undermined by the resistance of the tree’s roots (*O* 296) and in which we can read Woolf’s ironic attempt to ‘return’ or refuse *The Land*. As such, while the reader remains alert to the ways in which Orlando has undergone fundamental change, not least in sex, Orlando’s self-identification as a nature poet undergoes qualification rather than transformation. While critics such as de Gay and Christine Froula have argued that the novel implicitly endorses ‘The Oak Tree’ as an affirmation of female creativity, the novel rather more suggests that

Orlando's poem is a reflection of a poetic tradition that resists change and innovation. (Adkins, 152)

Ao enterrar seu poema, retornando à terra, não o compreendemos como um ato de recusa, mas como um modo de germinar novas possibilidades de palavras, novos textos, novos tipos de poemas. “Uma afirmação de criatividade”, como menciona Jane De Gay e Christine Froula, sugerindo que uma nova tradição de escritoras, que não representa um fim em si mesmo, mas uma tradição que propõe mudanças e transformação na tradição poética. Passada essa discussão sobre a tecnologia em *Orlando*, a seguir discutiremos como a ecologia woolfiana se apresenta no romance e como está representada pela linguagem, pensando na estética de Woolf, mas como ela dialoga com seu projeto político.

Ecologia em *Orlando*

É verdade que Woolf tornou o poema pastoral de Vita sobre as estações em uma sátira, mas também é verdade que Woolf fala sobre as diferentes estações na grande maioria de seus romances. Em *The Voyage Out*, quando as personagens deixam Londres para experienciar um novo clima na América do Sul; em *Mrs. Dalloway*, o frescor de um dia de verão impulsiona a personagem principal a comprar suas flores; em *To the Lighthouse*, o clima é a razão principal para que James deixe de ir ao farol. Em *The Waves*, nos interlúdios, acompanhamos o movimento do sol de acordo com as fases de vida das personagens. Já a personagem Flush sente a atmosfera climática a partir do seu focinho, órgão principal que ele utiliza para apreender a realidade a sua volta. Em *The Years*, cada ano é apresentado com diferentes estações. Em *Between the Acts*, a peça de Mrs. La Trobe é encenada durante o verão, contudo, o clima passa por diversas transformações ao longo do dia. A chuva interrompe o enredo, como se a Terra estivesse derramando lágrimas por toda humanidade.

O modo como Woolf lida com as estações em *Orlando* está profundamente ligado com a ecologia woolfiana em contraste com a tecnologia de cada época e como Orlando reage às grandes transformações ambientais ao longo dos séculos, especialmente, como ele representa essas mudanças em seu infinito poema *The Oak Tree*. Orlando não é o único que muda de homem para mulher, tudo no romance está em profunda

transformação, como a Terra, as estações estão mudando ao longo de sua jornada, o que nos permite abordar as mudanças ecológicas e tecnológicas no romance.

Derek Ryan, no artigo “Ecology and Ethology in *The Waves*” busca compreender como a linguagem elaborada por Woolf – humana – pode decentralizar o humano, colocando a vida não-humana no centro da narrativa. Para ele, a poética-ecológica woolfiana reflete a sua prosa-poética em relação a suas escolhas na linguagem, sua técnica experimental e a estética modernista. Se por um lado, Woolf demonstra a capacidade humana para definir/redefinir/afinar a linguagem, como o não-humano antropomorfizado em suas narrativas redesenham um novo movimento, chamando atenção para uma racionalidade ecológica em contraponto com a irracionalidade humana diante das guerras. Já Jeanne Dubino, no texto “The Bispecies Environment, Coevolution and Flush”, demonstra por meio da narrativa de Flush, como evoluímos em comunhão com outras espécies, o que fica claro na poética-ecológica woolfiana e como bem explicita Donna Haraway em *When Species Meet*.

Bonnie Scott (2015) no livro *In the Hollow of the Wave: Virginia Woolf and Modernist Uses of Nature* explora a forma como Woolf lida com a natureza em sua obra. No primeiro capítulo, Scott analisa Woolf em relação a outros autores modernistas e como todos lidam com um modernismo tecnológico em contraposição com um modernismo mais preocupado com a natureza. No segundo capítulo, a autora observa como Woolf relaciona-se com a teoria de Darwin e com sua própria prática com a natureza. O capítulo seguinte explora os mais diversos jardins que povoam a obra de Woolf, desde Kew Gardens, Regent Park in *Mrs. Dalloway*, os mais diversos parques que a família visitava em *Moments of Being*, etc. O capítulo quatro analisa as formas de artes em termos de paisagem, pensando nas interações artísticas entre Woolf, Vanessa Bell, Roger Fry e Duncan Grant e as políticas do espaço, pensando nas demarcações territoriais, nos limites do império e na identidade inglesa. O último capítulo demonstra as diferentes espécies de animais que povoam a obra de Woolf, pensando não apenas em Flush, mas em todos os tipos de insetos, vertebrados e invertebrados que circulam em sua narrativa.

Diana L. Swanson, no texto *The Real World: Virginia Woolf and Ecofeminism*, questiona sobre o que Woolf pode nos oferecer diante da maior crise do século XXI, enquanto a sociedade patriarcal contribui para a destruição humana do ambiente e das espécies. Ela sugere que a solução para nossa crise ambiental global jaz na mudança dos

modos de pensar e agir. Nosso principal questionamento é como o texto woolfiano pode oferecer ao leitor um palco para essas discussões, que representações da natureza Woolf promove em seus textos, como ela cria determinados ecossistemas em seus contos. Ainda nos perguntamos se é possível conscientizar o leitor para a importância de se manter tais ecossistemas.

Em *Orlando*, Woolf localiza seu personagem principal em profundo contato com o ambiente, o humano e não-humano e as mudanças em torno dele. Nossa maneira de ler e interpretar *Orlando* também mudou na era digital e das grandes transformações ambientais que estamos vivendo. Em termos ecológicos, no primeiro capítulo ocorre uma grande geada, a qual realmente ocorreu em 1709 e que teve um grande impacto na agricultura, seguida por um período de fome e muitas mortes, consta que 600.000 pessoas morreram durante esse longo e severo inverno. A Grande Geada foi seguida por uma grande enchente, enquanto o rio Thames derrete durante a separação de Orlando e Sasha:

The river was strewn with icebergs. Some of these were as broad as a bowling green and as high as a house; others no bigger than a man's hat, but most fantastically twisted. Now would come down a whole convoy of ice blocks sinking everything that stood in their way. (Woolf, 1993, p. 44)

Woolf com sua afiada ironia, transforma esse imenso impacto ambiental em uma metáfora que representa a separação do grande amor de Orlando, como se toda a Terra estivesse impactada pelo imenso amor de Orlando por Sasha. A Terra treme, imensos icebergs são lançados no rio. O rio com suas águas turbulentas leva as casas e tudo o que há no caminho. Fomos ensinados que as águas representam os sentimentos mais profundos das personagens no romance. Nesse caso, os sentimentos de Orlando transbordam nas águas turbulentas do rio Thames e são capazes de tremer as placas tectônicas da Terra. A paixão de Orlando por Sasha é tão intensa que após a separação, Orlando entra em profunda depressão, Woolf ironiza os românticos, os quais ela tanto apreciava. A natureza nem sempre é romantizada em Woolf, sua força por vezes é brutal e implacável. Como se pode perceber no trecho a seguir, a extrema agonia, com a qual as pessoas são engolidas pela força da água, chama atenção do/a leitor/a:

Now, eddying and swirling like a tortured serpent, the river would seem to be hurtling itself between the fragments and tossing them from bank to bank, so that they could be heard smashing against the piers and pillars. But what was

the most awful and inspiring of terror was the sight of the human creatures who had been trapped in the night and now paced their twisting and precarious islands in the utmost agony of spirit. (Woolf, 1993, p. 44)

As imagens woolfianas da enchente nos levam a pensar nas grandes tragédias ambientais ocorridas em nosso país, as quais jamais esqueceremos. O desastre ecológico em Brumadinho causadas pelas mineradoras, as enchentes em Salvador, Pernambuco e no Rio Grande do Sul, mas também penso em como a tecnologia poderia evitar essas grandes tragédias e como a Ciência tem atuado para alertar as pessoas sobre os efeitos nocivos do desmatamento e das grandes queimadas que presenciamos diariamente. De acordo com o jornal Britânico *The Guardian* em torno de 100 pessoas morreram, 135 estavam desaparecidas, aproximadamente 400 foram machucadas em 425 cidades do Rio Grande do Sul e 232.125 perderam suas casas, enquanto 67.542 foram abrigadas e 164.543 ficaram desabrigadas. Muitos estudos indicaram que as chuvas estavam aumentando no Sul, enquanto as secas ocorriam na região central do país e os grandes corredores de chuva vinham da Amazonia. Isso significa que muitas previsões foram feitas, no entanto, o orçamento para grandes tragédias foi reduzido. Ao longo do governo Bolsonaro, presenciamos um aumento no desmatamento, dizimação da população indígena e invasão de suas Terras, o que teve um impacto imediato, acelerando as crises climáticas. É claro que a Ciência e a Tecnologia têm um papel extremamente importante na prevenção dos desastres ecológicos e é urgente pensar em meios para evita-los. Seria necessário um orçamento em reserva e estratégias em massa para lidar diante dessas situações, que infelizmente se tornaram mais corriqueiras.

Contudo, devemos voltar a *Orlando* e à intersecção ecologia/tecnologia no romance woolfiano, Mark Hussey aponta que “The Landscape has changed as if literature and Nature reflect each other.” (HUSSEY, 1995, p. 198). “A paisagem mudou, como se a literatura e a Natureza refletissem uma à outra”. Aprendemos com o Romantismo, que a natureza reflete os sentimentos mais profundos das personagens, frustrados com a realidade política de suas épocas, os românticos se voltaram à natureza, dedicando versos e mais versos a ela. Woolf ironiza tal movimento e satiriza os poetas românticos por meio do poema *The Oak Tree*. É claro que estamos atentos à ironia woolfiana, como ela se diverte com a sua sátira, conferindo humor e sarcasmo em sua narrativa. Contudo, ao final do romance, ela volta à natureza, com um tom mais elegíaco, do que irônico.

O capítulo IV termina em completa escuridão, é o final de uma era e início do século XIX e com ele se aproxima “uma grande nuvem que paira sobre Londres”. Já no capítulo V, os tempos mudam e a umidade invade as páginas do romance:

The damp struck within. Men felt the chill in their hearts; the damp in their minds. In a desperate effort to snuggle their feelings into some sort of warmth one subterfuge was tried after another. Love, birth and death were all swaddled in a variety of fine phrases. (Woolf, 1993, p. 157)

No final do capítulo V, quando Orlando, agora uma mulher, vagueia pelos campos, ela tropeça e cai, quando ela encontra Shelmerdine, aqui Woolf satiriza o espírito do século XIX:

I have found my mate ... “It is the moor. I am nature’s bride”, Orlando diz. Orlando e Shel passam a maior parte de seus dias nos bosques escuros: “So fine was the weather that the trees stretched their branches motionless above them, and if a leaf fell, it fell... (Woolf, 1993, p. 177).

Mas, ao final desse capítulo o vento do sul anuncia que Shel deve ir para Cape Horn, conhecido como o fim do mundo, o que também representa o fim de uma era, quando Woolf nos lança em 1928, momento presente repleto de carros e energia elétrica que ilumina a maioria das casas. Nesse momento, Orlando volta a terra para enterrar seu livro de poemas “The Oak Tree”:

The tree had grown bigger, sturdier, and more knotted since she had known it, somewhere about the year 1588, but it was still in the prime of life... she felt the bones of the tree running out like ribs from a spine this way and that beneath her. She liked to think that she was riding the back of the world. (Woolf, 1993, p. 224)

O tom de Woolf não é mais de ironia ou sátira, mas sentimos que Orlando está mudo, mas o ato simbólico de enterrar o poema, não é o fim, mas sim uma transformação, como se ela estivesse gerando, no sentido de gerar muitas possibilidades feministas ou de escrita queer.

Donna Harraway em sua interseção entre ecologia/tecnologia e feminismo também contribui para a construção dessa ideia de um cosmo político e ecológico, o qual vislumbramos na escrita woolfiana em *Orlando*, que está entrelaçado pelas tecnologias de gênero e pelas relações de poder, o que significa que as mudanças são inevitáveis, como Harraway aponta:

We are in the midst of reinvented pastoral-tourist economies linking foot-traveling humans, meat and fiber niche markets that are complexly both local and global, restoration ecology and heritage culture projects of the European Union, shepherds, flocks, dogs, wolves, bears, and lynxes. The return of previously extirpated predators to parts of their old ranges is a major story of transnational environmental politics and biology. (Harraway, 2008, p. 53)

Nesta citação, Harraway clama por um retorno a “política ambiental transnacional”, pensando em uma economia que reflita sobre as políticas de turismo e no mercado de carne, quando há áreas imensas na Amazônia sendo devastadas para a criação de gado. Harraway nos força a pensar mais sobre nossos hábitos alimentares, baseados no alto consumo de carne vermelha, os quais afetam diretamente os animais e o meio-ambiente, tanto nos mercados locais, quanto nos globais. Outro ponto importante que deve ser destacado é o modo como o turismo global tem afetado tremendamente o meio-ambiente com o excesso de emissão de gás-carbônico. Outro ponto importantíssimo, tocado por Harraway nessa citação, o qual merece atenção é a questão da restauração ecológica, uma das tarefas mais importantes da nossa geração seria evitar o devastamento florestal e optar pelo replantio florestal, mas infelizmente, no momento em que o agronegócio ganha terreno pelo país, observamos mais campos de soja para exportação ou grandes áreas para a criação de gado. Pensar a interface entre tecnologia e ecologia no romance *Orlando* de Virginia Woolf nos leva a pensar em diversas questões da nossa atualidade que refletem as decisões políticas do nosso dia-a-dia.

Considerações Finais

Orlando passa por três séculos de transformação, a Grande Geada de 1790 realmente impactou a Inglaterra nesse período, causando mortes e fome na população. Woolf utiliza a história como palco de fundo para seu cenário, transmitindo a frieza russa de Sasha. A grande enchente segue-se após o derretimento de grandes icebergs, como se Woolf estivesse prevendo o grande drama da nossa era, com o derretimento das geleiras e o aumento do nível do mar, infelizmente as enchentes do nosso tempo não representam apenas uma metáfora, mas uma realidade em nosso país de norte a sul, que leva consigo vidas e casas. Orlando, enquanto artista, é impactado pelas mudanças de seu tempo. Sua obra principal reflete como tais transformações tecnológicas e ecológicas

têm um efeito direto em sua poética e, também, na forma como ele percebe o mundo ao seu redor.

Após ler Orlando como uma jornada da ecologia para a tecnologia do mundo moderno, penso que devemos fazer o caminho contrário da tecnologia do nosso mundo pós-moderno, caótico recortado pelas crises climáticas e tragédias ambientais para mergulhar na ecologia e refletir sobre:

- Como usar a tecnologia em nosso favor para preservar a natureza e prevenir nossa própria extinção?
- Como evitar tragédias como a de Brumadinho ou as enchentes como no Rio Grande do Sul durante as mudanças climáticas?
- Como evitar a guerra, a fome e promover a paz mundial em um momento de ascensão do Nazifascismo?

Ao mesmo tempo que temos a consciência de que nem todos os conflitos podem ser resolvidos pela tecnologia, mas sim pela diplomacia, o que significa sentar na mesma mesa e falar a mesma língua em horas de diálogo e acordo mútuo. De fato, a ecologia woolfiana apresentada no romance e representada pela linguagem e trabalhada na estética de Woolf, dialoga com seu projeto político. Woolf tem muito a nos oferecer a lidar com a maior crise ambiental do século XXI, mesmo que tenhamos que lutar com uma sociedade capitalista e patriarcal, que contribui para a destruição humana do ambiente e das espécies. Woolf sugere que a solução para nossa crise ambiental global jaz na mudança dos modos de pensar e agir. Pensar, sobretudo, sobre novas epistemologias em um mundo não-hierárquico, onde humanos não se sobreponham sobre não-humanos, onde a natureza não seja um espaço de exploração, mas um espaço de conexão e expansão. Nesse sentido, o texto de Woolf nos torna mais conscientes sobre o meio-ambiente e as injustiças contra a natureza e o corpo feminino.

Referências

ADKINS, Peter. **The Modernist Anthropocene**: Nonhuman life and Planetary Change in James Joyce, Virginia Woolf, and Djuna Barnes. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

BENJAMIN, Walter. **The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction**. New York: Harcourt, Brace&World, 1968.

CAUGHIE, Pamela. **Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction**. New York: Routledge, 2000.

CUDDY-KEANE, Melba. Virginia Woolf, Sound Technologies, and the New Aurality. In: **Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction**. New York: Routledge, 2000.

DUBINO, Jeanne. Evolution, Coevolution and Darwin. In: DUBINO, Jeanne et al. **Virginia Woolf Twenty-First-Century Approaches**. (Ed.) Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

HARRAWAY, Donna. **When Species Meet**. Minnesota University Press, 2008.

Hemmings, Robert. "A Motorcar of One's Own." In: **Virginia Woolf Miscellany**. N.88. Fall 2015.

HUSSEY, Mark. **Virginia Woolf: A to Z**. New York: Oxford University Press, 1995. p. 199.

MARTIN, Ann. **Virginia Woolf Miscellany**. N. 88. Fall 2015.

MARTIN, Ann. Unit-Dispersity: Virginia Woolf and the Contradictory Motif of the Motor-car. In: DUBINO, Jeanne et al. **Virginia Woolf Twenty-First-Century Approaches**. (Ed.) Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

MINOW-PINKNEY, Makiko. Virginia Woolf and the Age of Motor Cars. In: **Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction**. New York: Routledge, 2000.

RYAN, Derek. Ecologies, Ethology and Evolution. In: DUBINO, Jeanne et al. **Virginia Woolf Twenty-First-Century Approaches**. (Ed.) Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

SCOTT, Bonnie Kime. **In the Hollow of the Wave: Virginia Woolf and Modernist Uses of Nature**. Virginia: University of Virginia Press, 2012.

SWANSON, Diana L. "The Real World: Virginia Woolf and Ecofeminism". In: **Virginia Woolf and the Natural World. Selected Papers of the Twentieth Annual International Conference on Virginia Woolf**. South Carolina: Clemson University Press, 2011.

STALTER, Sunny. "New Ways of Seeing: The Cinematic Novel in the Age of Mechanical Reproduction". In: **Virginia Woolf in the Age of Mechanical Reproduction**. New York: Routledge, 2000.

WALLER, Elizabeth.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. London: Penguin, 1993.

WOOLF, Virginia. The Cinema. In: **The Essays of Virginia Woolf**. V. 4. 1925-1928. Ed. Andrew McNeillie. London: Harcourt, 1994.

Data de submissão: 26/05/2025
Data de aceite: 04/09/2025